Universidade do Minho

Escola de Psicologia

Joana Filipa Oliveira Magalhães

Coparentalidade e Envolvimento Emocional com o Bebé durante a Gravidez em Mães e Pais

junho de 2025

Coparentalidade e Envolvimento Emocional com o Bebé durante a Gravidez em Mães e Pais

Joana Filipa Oliveira Magalhães

UMinho | 2025

Universidade do Minho
Escola de Psicologia

Joana Filipa Oliveira Magalhães

Coparentalidade e Envolvimento Emocional com o Bebé durante a Gravidez em Mães e Pais

Dissertação de Mestrado

Mestrado em Psicologia Clínica na Infância e Adolescência

Trabalho efetuado sob a orientação da **Professora Doutora Bárbara Figueiredo** e coorientação do **Doutor Tiago Miguel Pinto**

junho de 2025

Agradecimentos

A realização desta dissertação foi um percurso desafiante, exigente e enriquecedor, que só foi possível graças ao apoio e incentivo de muitas pessoas, às quais expresso a minha mais sincera gratidão.

Em primeiro lugar, um agradecimento especial à minha orientadora, Professora Doutora Bárbara Figueiredo, pela orientação atenta, rigorosa e sempre disponível ao longo de todo este processo. A sua vasta experiência, os seus conselhos valiosos e a sua confiança foram fundamentais para a concretização deste trabalho. Da mesma forma, agradeço ao meu coorientador Doutor Tiago Pinto pela orientação prestada ao longo deste percurso.

Às colegas do grupo de investigação, agradeço pela entreajuda e partilha de conhecimentos. Um agradecimento particular à Sofia, pelo seu apoio constante e pela generosidade com que nos acompanhou nas várias fases do projeto. À Ana, deixo um agradecimento especial pela amizade, pelas conversas, pelos desabafos e pela forma como esteve sempre ao meu lado, celebrando as pequenas conquistas e me apoiou nas dificuldades.

À minha família, em especial aos meus pais pelo amor, compreensão e apoio incondicional ao longo de toda a minha trajetória académica. Foram e continuam a ser o alicerce de tudo aquilo que conquistei até hoje. Sem vocês, nada disto teria sido possível. À Bea e à Becas, um obrigado muito especial por serem parte essencial destes últimos cinco anos — por todas as memórias partilhadas, pelos momentos de riso, pelas conversas intermináveis e pela força que me deram para seguir em frente, mesmo nos dias mais difíceis.

Aos participantes deste estudo, expresso um agradecimento muito especial. A sua disponibilidade, interesse e colaboração foram essenciais para a realização desta investigação. Sem o seu contributo, este trabalho não teria sido possível. Por fim, agradeço a todos aqueles que, direta ou indiretamente, contribuíram para a construção deste trabalho. A cada um de vocês, a minha mais profunda gratidão.

DIREITOS DE AUTOR E CONDIÇÕES DE UTILIZAÇÃO DO TRABALHO POR TERCEIROS

Este é um trabalho académico que pode ser utilizado por terceiros desde que respeitadas as regras e boas práticas internacionalmente aceites, no que concerne aos direitos de autor e direitos conexos.

Assim, o presente trabalho pode ser utilizado nos termos previstos na licença abaixo indicada.

Caso o utilizador necessite de permissão para poder fazer um uso do trabalho em condições não previstas no licenciamento indicado, deverá contactar o autor, através do RepositóriUM da Universidade do Minho.

Licença concedida aos utilizadores deste trabalho

[Caso o autor pretenda usar uma das licenças Creative Commons, deve escolher e deixar apenas um dos seguintes ícones e respetivo lettering e URL, eliminando o texto em itálico que se lhe segue. Contudo, é possível optar por outro tipo de licença, devendo, nesse caso, ser incluída a informação necessária adaptando devidamente esta minuta]



Atribuição-NãoComercial-SemDerivações
CC BY-NC-ND

https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/

DECLARAÇÃO DE INTEGRIDADE

Declaro ter atuado com integridade na elaboração do presente trabalho académico e confirmo que não recorri à prática de plágio nem a qualquer forma de utilização indevida ou falsificação de informações ou resultados em nenhuma das etapas conducente à sua elaboração.

Mais declaro que conheço e que respeitei o Código de Conduta Ética da Universidade do Minho.

Universidade do Minho, Braga



(Joana Filipa Oliveira Magalhães)

Coparentalidade e envolvimento emocional com o bebé durante a gravidez em mães e pais

Resumo

A coparentalidade e o envolvimento emocional são tarefas desenvolvimentais interrelacionadas fundamentais na transição para a parentalidade. Contudo, as suas trajetórias ao longo da gravidez estão pouco estudadas. O estudo analisou: (1) trajetórias de coparentalidade, (2) trajetórias de envolvimento emocional, e (3) a associação entre as trajetórias de coparentalidade e envolvimento emocional, entre o 1º trimestre e 3º trimestre de gravidez, em mães e pais. A amostra foi constituída por 92 participantes, 52 mães e 40 pais, avaliados no 1º e 3º trimestre de gravidez através de medidas de autorrelato para avaliar expectativas coparentais e o envolvimento emocional com o bebé. Os resultados revelaram estabilidade na coparentalidade e no envolvimento emocional, exceto no envolvimento emocional não claro que aumentou ao longo do tempo, em mães e pais. As expectativas parentais acerca da coparentalidade associam-se significativamente ao envolvimento emocional com o bebé. Pais com expectativas elevadas de conflito e falta de suporte mostraram uma diminuição mais acentuada do envolvimento emocional global e um aumento mais acentuado do envolvimento emocional negativo, respetivamente. Mães com expectativas elevadas de conflito apresentaram um aumento mais acentuado do envolvimento emocional negativo. Durante a gravidez, a qualidade da coparentalidade interfere no envolvimento emocional dos pais com o bebé.

Palavras-Chave: Coparentalidade, Envolvimento Emocional, Gravidez, *Bonding,* Transição para a Parentalidade

Coparenting and Emotional Involvement with the Baby during Pregnancy in Mothers and Fathers

Abstract

Coparenting and emotional involvement are interrelated developmental tasks that are fundamental in the transition to parenthood. However, their trajectories throughout pregnancy are poorly studied. The study analyzed: (a) coparenting trajectories, (b) emotional involvement trajectories, and (c) the association between coparenting and emotional involvement trajectories, between the 1st and 3rd trimester of pregnancy, in mothers and fathers. The sample consisted of 92 participants, 52 mothers and 40 fathers, assessed in the 1st and 3rd trimester of pregnancy through self-report measures to assess coparental expectations and emotional involvement with the infant. The results revealed stability in coparenting and emotional involvement, except for not clear emotional involvement that increased over time, in mothers and fathers. Parental expectations about coparenting are significantly associated with emotional involvement with the infant. Fathers with high expectations of conflict and lack of support showed a more pronounced decrease in overall emotional involvement and a more pronounced increase in negative emotional involvement, respectively. Mothers with high expectations of conflict generated a more pronounced increase in negative emotional involvement. During pregnancy, the quality of coparenting affects the emotional involvement of fathers with the baby.

Keywords: Coparenting, Emotional Involvement, Pregnancy, Bonding, Transition to Parenthood

Índice

Introdução ... 9
Coparentalidade ... 10
Trajetórias da Coparentalidade ao Longo da Transição para a Parentalidade ... 11
Diferenças na Coparentalidade em Mães e Pais ... 12
Envolvimento Emocional com o Bebé ... 12
Trajetórias do Envolvimento Emocional ao Longo da Transição para a Parentalidade ... 13
Diferenças no Envolvimento Emocional em Mães e Pais ... 13
Coparentalidade e o Envolvimento Emocional com o Bebé ... 14
Objetivos ... 15
Métodos ... 15
Procedimento ... 15
Participantes ... 16
Medidas ... 18
Questionário Sociodemográfico e de Saúde ... 18
Relação de Coparentalidade ... 18
Envolvimento Emocional com o Bebé ... 19
Análises Estatísticas ... 20
Resultados ... 20
Trajetória da coparentalidade entre o 1º trimestre e o 3ºtrimestre de gravidez em mães e pais ... 22
Trajetória do envolvimento emocional com o bebé entre o 1º trimestre e o 3ºtrimestre de gravidez em mães e pais ... 23
Associações entre as trajetórias de coparentalidade e de envolvimento emocional com o bebé entre o 1º trimestre e o 3ºtrimestre de gravidez em mães e pais ... 25
Discussão ... 37

Implicações para a Prática e Investigação 40

Limitações 41

Conclusão 41

Referências 42

Índice de Tabelas

Tabela 1. Características Sociodemográficas 16

Tabela 2. Médias e Desvios-Padrão da Coparentalidade e Envolvimento Emocional com o Bebé 21

Tabela 3. Trajetórias da coparentalidade entre o 1º e 3º trimestre 22

Tabela 4. Trajetórias do envolvimento emocional entre o 1º e 3º trimestre 24

Tabela 5. Associação entre coparentalidade e de envolvimento emocional (Escala Total MIBS) entre o 1º e 3º trimestre 26

Tabela 6. Associação entre coparentalidade e envolvimento emocional positivo entre o 1º e 3º trimestre .29

Tabela 7. Associação entre coparentalidade e envolvimento emocional negativo entre o 1º e 3º trimestre 32

Tabela 8. Associação entre coparentalidade e envolvimento emocional não claro entre o 1º e 3º trimestre 35

Índice de Figuras

Figura 1. *Trajetórias de envolvimento emocional com o bebé em mães e pais com elevadas e baixas expectativas de conflito coparental* 25

Figura 2. *Trajetórias de envolvimento emocional positivo em figuras parentais com elevadas e baixas expectativas de conflito coparental* 28

Figura 3. *Trajetórias de envolvimento emocional negativo em mães e pais com elevadas e baixas expectativas de falta de suporte coparental* 31

Figura 4. *Trajetórias de envolvimento emocional negativo em mães e pais com elevadas e baixas expectativas de conflito coparental* 34

Introdução

A transição para a parentalidade constitui uma transição desenvolvimental significativa na idade adulta (Figueiredo, 2005; Ranta et al., 2023). Envolve a resolução de diversas tarefas desenvolvimentais, fundamentais para a adaptação das figuras parentais a mudanças biológicas, psicológicas e socioculturais (e.g., Cowan, 1991; Cowan & Cowan, 2000; Figueiredo, 2014). Estas mudanças implicam uma reorganização do sistema familiar (Altenburger et al., 2014; Belsky & Pelsky, 1988) – nomeadamente, da identidade e dos relacionamentos da mãe e pai (Cowan & Cowan, 1992; Figueiredo, 2005; Kaźmierczak & Karasiewicz, 2019) – as quais iniciam no período da gravidez (Kuersten-Hogan, 2017).

O desenvolvimento da coparentalidade (e.g., Altenburger et al., 2014; Feinberg, 2002; Figueiredo, 2020; Lindroos et al., 2023) e do envolvimento emocional com o bebé (Figueiredo, 2013) constituem tarefas desenvolvimentais fundamentais durante a transição para a parentalidade, podendo essas duas tarefas estarem intrinsecamente relacionadas (Lee et al., 2020; Wells et al., 2023). A coparentalidade inclui o envolvimento, apoio e cooperação conjunta e recíproca dos pais na educação, na formação e nas decisões acerca dos filhos (Feinberg, 2003; Van Egeren, 2004). Quando os pais negociam questões relacionadas com os filhos, apoiam-se mutuamente e adotam comportamentos cooperativos, constroem uma relação coparental positiva (Jamison et al., 2014; Teubert & Pinquart, 2010). Em contrapartida, a desvalorização do papel do parceiro e a presença de conflitos entre os pais favorecem o desenvolvimento de uma coparentalidade negativa, que pode ter impactos significativos nos filhos, particularmente em problemas de internalização e externalização (Altenburger et al., 2014; Schoppe-Sullivan et al., 2009).

Simultaneamente, o envolvimento emocional dos pais com o bebé começa a desenvolver-se durante a gravidez e, mais notoriamente, após o contato com o recém-nascido (Fleming et al., 1997; Kinsey & Hupcey, 2013; Scism & Cobb, 2017). O envolvimento emocional com o bebé mostra-se relevante devido à dinâmica única entre pais e filhos consequente da elevada dependência dos bebés em relação aos pais (Szaniecki & Barnes, 2016).

Coparentalidade

A coparentalidade é um subsistema único e autónomo dentro da família (Feinberg, 2003), que se difere dos subsistemas conjugal e parental (Feinberg, 2002; 2003) pelo seu foco nas relações interparentais (Caldera & Lindsey, 2006; McHale & FivazDepeursinge, 1999; McHale & Rasmussen, 1998) e na responsabilidade mútua em relação ao bebé, partilhada por ambos os pais (Van Egeren & Hawkins, 2004). A coparentalidade influencia o desenvolvimento da criança ao afetar os comportamentos parentais de cada figura parental (Van Egeren & Hawkins, 2004). Mães e pais que mantêm uma relação coparental mais positiva tendem a adotar estratégias parentais mais eficazes (Morrill et al., 2010). A relação coparental é um preditor das mudanças no ajustamento infantil ao longo do tempo (Teubert & Pinquart, 2010).

O modelo ecológico da coparentalidade de Feinberg (2003) conceptualiza a coparentalidade em quatro domínios interrelacionados. O primeiro domínio, acordo na criação dos filhos, diz respeito ao acordo entre as figuras coparentais em relação à criação dos seus filhos, sendo que um grande desacordo nas representações da criação dos filhos está associado a maior conflito. O segundo domínio, apoio/comprometimento coparental, diz respeito ao respeito e reconhecimento das habilidades parentais e contribuições do outro, incluindo também o apoio dado ao outro em relação à sua autoridade parental e às suas decisões, sendo que uma relação marcada por baixo suporte é caracterizada por criticismo e sentimentos de culpa. O terceiro domínio, divisão de cuidado, refere-se à decisão dos pais em relação à partilha ou divisão das responsabilidades parentais. O quarto domínio, gestão conjunta da dinâmica familiar, refere-se à forma como os pais definem padrões explícitos ou implícitos em relação à forma como os membros da família devem ser tratados, isto inclui a escolha de expor as crianças a conflitos bem como a existência ou ausência de coligações familiares. Outra dimensão da coparentalidade, proximidade baseada na parentalidade, relacionada com a felicidade compartilhada dos pais em relação ao desenvolvimento dos seus filhos foi identificada (Feinberg et al., 2012). Também se destaca a dimensão aprendizagem e desenvolvimento, que diz respeito às oportunidades de crescimento e aprendizagem proporcionadas pela parentalidade numa relação colaborativa com o parceiro (Ranta et al., 2023).

O modelo ecológico de Feinberg (2003) enfatiza que a coparentalidade é uma dimensão central que influencia tanto a qualidade do relacionamento conjugal quanto a parentalidade, com impactos significativos

no desenvolvimento da criança. Uma relação coparental positiva impacta positivamente o envolvimento do pai na parentalidade (Cowan et al., 2007), sendo que as figuras coparentais influenciam os seus pensamentos, emoções e comportamentos parentais mutuamente (Psouni, 2019). Desta forma, a coparentalidade contribui de forma única para explicar a variabilidade em diversos aspetos do ajustamento infantil, exercendo influência que vai além dos impactos da parentalidade (Caldera & Lindsey, 2006; Karreman et al., 2008; Stright & Neitzel, 2003).

Trajetória da Coparentalidade ao Longo da Transição para a Parentalidade

A coparentalidade apresenta relativa estabilidade desde a gravidez até aproximadamente seis meses após o parto (Van Egeren, 2004). Os padrões relacionais coparentais emergem durante a gravidez, sendo que a qualidade da coparentalidade no sexto mês de gravidez prediz significativamente a dinâmica coparental no pós-parto (Carneiro et al., 2006). Essa estabilidade também é observada ao longo do desenvolvimento da criança (Favez et al., 2006; Laxman et al., 2013; McHale & Rotman, 2007; Schoppe-Sullivan et al., 2004). No entanto, alguns aspetos da coparentalidade podem sofrer mudanças nos primeiros meses após o parto, devido às mudanças desenvolvimentais experienciadas pelo bebé. Nomeadamente, Pinto et al. (2023) observaram alterações nas representações paternas da coparentalidade desde a gravidez até ao sexto mês pós-parto, com um aumento das perceções de falta de apoio e uma diminuição das perceções de desacordo.

As representações da coparentalidade na gravidez interferem nas representações e comportamentos da coparentalidade após o parto (Altenburger et al., 2014; Kuersten-Hogan, 2017; McHale & Rotman, 2007; McHale et al., 2004; Schoppe-Sullivan et al., 2013). Comportamentos e expectativas coparentais positivas, caracterizados pela cooperação e investimento dos pais, na gravidez, correlacionam-se com uma relação coparental mais harmoniosa aos 3 meses pós-parto (McHale et al., 2004). Expectativas negativas durante a gravidez foram associadas a menor cooperação e calor nas interações com o bebé aos 3 meses, especialmente quando este era percebido como difícil de acalmar (McHale et al., 2004), bem como a representações coparentais mais conflituosas no pós-parto (Kuersten-Hogan, 2017). Em casais, as interações coparentais marcadas por cooperação ou conflito durante a gravidez tendem a se manter no pós-parto (Pérez Cortés et al., 2024).

Diferenças na Coparentalidade em Mães e Pais

Diferenças na perceção da qualidade da relação coparental entre mães e pais foram também observadas (e.g., Perry et al., 2017; Kuersten-Hogan, 2017). Em comparação às mães, os pais apresentam maior satisfação com a relação coparental (Van Egeren, 2004) e tendem a relatar perceções mais positivas da coparentalidade (Bai et al., 2024; Gordon & Feldman, 2008; Lindsey et al., 2005). Não obstante não existirem muitos estudos na gravidez, no pós-parto, as mães reportam menor satisfação com a relação coparental e demonstram atitudes menos positivas em relação ao envolvimento dos pais na parentalidade (Perry et al., 2017; Van Egeren et al., 2004). Uma possível explicação para essas diferenças é a maior responsabilidade parental frequentemente atribuída às mães, como as relacionadas a tarefas específicas, como a amamentação (Coltrane & Shih, 2009; Kotila et al., 2013).

Os pais, em comparação com as mães, relatam níveis mais elevados de comprometimento na relação coparental durante os estágios iniciais (Schoope-Sullivan et al., 2022), que podem refletir a influência de processos de *gatekeeping* materno (Schoppe-Sullivan et al., 2008). O *gatekeeping* materno refere-se a um conjunto de crenças, atitudes e comportamentos por parte das mães que tendem a restringir ou limitar o envolvimento dos pais na parentalidade (Allen & Hawkins, 1999; Cannon et al., 2008), podendo assim impactar negativamente a participação paterna no cuidado e na educação dos filhos (Schoppe-Sullivan & Altenburger, 2019). Contudo, quando as mães adotam uma postura menos crítica e mais encorajadora em relação ao envolvimento paterno, observa-se uma melhoria significativa na qualidade da coparentalidade (Schoppe-Sullivan et al., 2008). Durante a gravidez, mães já manifestam atitudes que predizem comportamentos de *gatekeeping* no pós-parto. Expectativas perfecionistas quanto ao desempenho paterno, perceções de instabilidade na relação conjugal e elevados níveis de autoeficácia materna durante a gravidez estão associados a uma maior probabilidade de adoção de comportamentos que limitam o envolvimento do pai nos primeiros meses após o parto (Schoppe-Sullivan et al., 2015).

Envolvimento Emocional com o Bebé

O envolvimento emocional com o bebé refere-se às respostas afetivas e cognitivas dos pais (Kinsey & Hupcey, 2013), em relação ao bem-estar e à segurança do bebé (Kinsey & Hupcey, 2013; Radoš et al.,

2024; Taylor et al., 2005). Durante a gravidez, esse envolvimento manifesta-se através de projeções emocionais e fantasias dirigidas ao feto ainda não nascido (Trombetta et al., 2021). O envolvimento emocional é um processo não mutuamente dependente das figuras parentais, sendo influenciado pelo bebé (Figueiredo, 2013), que se desenvolve através da repetição de vivências prazerosas e significativas (Figueiredo, 2013; Klaus & Kennell, 1976). O desenvolvimento do envolvimento emocional é essencial dado o seu impacto significativo nos comportamentos parentais, no neurodesenvolvimento (Klaus e Kennell, 1982) e na construção da identidade do bebé, que o capacita a crescer e explorar o mundo ao seu redor (Klaus and Kennell, 1976).

Trajetória do Envolvimento Emocional ao Longo da Transição para a Parentalidade

O envolvimento emocional com o bebé não é imediatamente estabelecido, sendo um processo gradual que se intensifica ao longo do tempo, tanto em mães como em pais (e.g., Anderson, 1996; Figueiredo et al., 2007; Habib & Lancaster, 2010). O envolvimento emocional materno e paterno com o bebé tende a aumentar na gestação (van Bussel et al., 2010), nomeadamente, na sequência da ecografia (Damato, 2004; Ekelin et al., 2004; Samorinha et al., 2009) e quando os movimentos fetais são percetíveis (e.g., Damato, 2004; Heidrich & Cranley, 1989). Para ambos os pais, o envolvimento emocional é geralmente formado no primeiro trimestre e intensifica-se no terceiro trimestre, sendo predominantemente emoções positivas em relação ao bebé (De Cock et al., 2016; De Waal et al., 2023; Habib & Lancaster, 2010; Samorinha et al., 2009; Trombetta et al., 2021).

Diferenças no Envolvimento Emocional em Mães e Pais

Apesar do crescente envolvimento dos pais na parentalidade (e.g., Craig & Mullan, 2010; Goodman, 2005), os pais, face às mães, relatam mais sentimentos de incerteza e frustração pela falta de oportunidades concretas de ligação ao bebé (Barclay & Lupton, 1999; Premberg et al., 2008). Contudo, durante a gravidez, o envolvimento emocional dos pais tende a ser semelhante ao das mães (e.g., Figueiredo et al., 2007; Samorinha et al., 2009), embora o seu desenvolvimento seja mais lento (Goodman, 2005). Com o avanço da gravidez, os pais começam gradualmente a aceitar o bebé como um ser humano real (Lagarto & Duaso, 2022), demonstrando desejo de participar ativamente na gravidez das suas parceiras (Widarsson et al.,

2015). Este processo facilita o desenvolvimento do envolvimento emocional com o bebé ao longo do tempo (Kowlessar et al., 2015; Lagarto & Duaso, 2022). No momento do parto, os pais experienciam menos emoções não relacionadas, menos tristeza e menos medo do que as mães (Figueiredo et al., 2007).

Coparentalidade e Envolvimento Emocional com o Bebé

O suporte conjugal encontra-se relacionado com o envolvimento emocional com o bebé, nomeadamente, nos pais (e.g., Scism & Cobb, 2017; Yu et al., 2012; Goodman, 2005). Verifica-se, contudo, uma lacuna na investigação do impacto da coparentalidade no envolvimento emocional, sendo a coparentalidade menos estudada do que o suporte parental ou relação conjugal (Scism & Cobb, 2017; Schaber et al., 2021). Uma vez que a coparentalidade se tem revelado um preditor mais forte e consistente do desenvolvimento da criança do que a qualidade da relação do casal (Pilkington et al., 2019; Feinberg et al., 2007), poderá ser relevante para compreender o desenvolvimento do envolvimento emocional dos pais com o bebé durante a gravidez.

Os estudos existentes não exploram os efeitos da qualidade da coparentalidade reportada por ambos os pais durante a gravidez (Wells & Jeon, 2023; Takeishi et al., 2021). O estudo destas tarefas desenvolvimentais na gravidez é relevante dada a sua importância para uma transição bem-sucedida para a parentalidade. Na sociedade contemporânea, tem-se verificado uma mudança significativa no paradigma dos papéis de género, tanto na parentalidade como no contexto profissional, conduzindo a uma maior partilha de responsabilidades parentais entre ambas as figuras parentais (Campbell, 2023). Este novo enquadramento sociocultural torna particularmente pertinente o estudo da coparentalidade e do envolvimento emocional com o bebé, especialmente quando considerados em ambas as figuras parentais.

Apesar da escassez de estudos focados na gravidez, no pós-parto a coparentalidade tem sido associada ao envolvimento emocional dos pais com o bebé, mas essa associação não é evidente no caso das mães. Lee et al. (2020) mostra uma associação significativa entre a coparentalidade e o envolvimento emocional dos pais com o bebé. Wells e Jeon (2023) sugerem que uma melhor relação coparental está relacionada com menos raiva, rejeição e ansiedade em relação aos cuidados do bebé bem como um maior envolvimento emocional em pais. No entanto, Takeishi e colaboradores (2021) encontraram resultados

distintos nas mães, não encontrando relação entre a coparentalidade e o envolvimento emocional, embora a coparentalidade tenha impactado nos sintomas depressivos nas mães.

Objetivos

Os objetivos do presente estudo foram analisar: (1) as trajetórias da coparentalidade entre o 1º trimestre e o 3º trimestre de gravidez, em mães e pais; (2) as trajetórias de envolvimento emocional com o bebé entre o 1º trimestre e o 3º trimestre de gravidez, em mães e pais e, (3) a associação entre as trajetórias da coparentalidade e envolvimento emocional com o bebé, entre o 1º trimestre e o 3º trimestre de gravidez, em mães e pais.

Métodos

Procedimento

Este estudo encontra-se inserido no Plano de "Cuidados de Saúde Mental Perinatal na Unidade Local de Saúde de Matosinhos" que recebeu aprovação da Comissão de Ética para a Saúde da Unidade Local de Saúde de Matosinhos. O recrutamento dos participantes ocorreu aquando do momento da primeira ecografia obstétrica do primeiro trimestre (entre as 11 semanas e as 13 semanas e 6 dias) no hospital Pedro Hispano. Os pais receberam uma explicação dos objetivos do plano e os pais que concordaram em participar dos estudos assinaram o consentimento informado.

O estudo teve um *design* longitudinal com dois momentos de avaliação: primeiro trimestre de gravidez (10-20 semanas gestacionais) e, terceiro trimestre de gravidez (30-33 semanas gestacionais). Nos dois momentos de recolha de dados, os participantes completaram os questionários *online*, na plataforma *Qualtrics* através de um código *QR* e de um código de participação atribuído de forma exclusiva para cada participante. Os participantes preencheram um questionário sociodemográfico e de saúde aplicado apenas no 1º trimestre, a versão pré-natal da *The Coparenting Relationship Scale* e a *Father/Mother-to-Infant Bonding Scale,* aplicadas no primeiro e terceiro trimestre de gravidez. As mães e os pais foram instruídos a realizar o preenchimento dos questionários de forma independente. Foram estabelecidos os seguintes

critérios de inclusão: (a) ser maior de 18 anos, (b) saber ler e escrever em língua portuguesa e (c) ter completado os três questionários.

Participantes

A amostra deste estudo foi composta por 92 mães e pais, 52 mães (56,5%) e 40 pais (43,5%), com idades compreendidas entre 22 e 45 anos (M = 32,39; DP = 4,51). As mães tinham idades compreendidas entre 22 e 41 anos (M = 31,38; DP = 4,31), e os pais, entre 26 e 45 anos (M = 33,70; DP = 4,47). A maioria dos participantes era de nacionalidade portuguesa (80,4%). Quanto ao perfil socioprofissional, 88% dos participantes estavam empregados e 65,2% possuíam ensino superior. Sobre a história reprodutiva, a maioria dos participantes eram pais pela primeira vez (58,7%), sendo a maioria das gestações resultantes de conceção espontânea (96,7%) e no momento mais adequado para os pais (78,3%).

Tabela 1

Características Sociodemográficas

Características		Total (n = 92)		Mães (n = 52)		Pais (n = 40)	
		N	%	n	%	n	%
Idade	22-29	21	22.8	14	26.9	7	17.5
	30-37	60	65.2	33	63.5	27	67.5
	38-45	11	12.0	5	9.6	6	15.0
Nacionalidade	Portuguesa	74	80.4	39	75.0	35	87.5
	Brasileira	12	13.0	8	15.4	4	10.0
	Outra	6	6.5	5	9.6	1	2.5
País de maior permanência	Portugal	78	84.8	42	80.8	36	90.0

	Brasil	12	13.0	8	15.4	4	10.0
	Outros	2	2.2	2	3.8	0	0.0
Nível de educação	Ensino Básico	5	5.4	1	1.9	4	10.0
	Ensino Secundário	27	29.3	17	32.7	10	25.0
	Licenciatura	60	65.2	34	65.4	26	65.0
Estatuto ocupacional	Empregado/a	81	88.0	42	80.8	39	97.5
	Desempregado/a	3	3.3	3	5.8	0	0.0
	Estudante	1	1.1	1	1.9	0	0.0
	Doméstico/a	6	6.5	5	9.6	1	2.5
	Outro	1	1.1	1	1.9	0	0.0
Estatuto matrimonial	Solteiro/a	18	19.6	9	17.3	9	22.5
	Casado/a	48	52.2	26	50.0	22	55.0
	Regime de coabitação	25	27.2	17	32.7	8	20.0
	Divorciado/a	1	1.1	0	0.0	1	2.5
Gravidez Prévia	Não	54	58.7	25	48.1	29	72.5
	Sim	38	41.3	27	51.9	11	27.5

Medidas

Questionário Sociodemográfico e de Saúde

Foi utilizado um questionário sociodemográfico e de saúde de modo a recolher informação relativa ao enquadramento sociodemográfico (idade, nacionalidade, país de maior permanência, nível educacional, estatuto ocupacional, estatuto matrimonial) e informações acerca da gestação (presença/ausência de gravidez prévia, gravidez no momento mais apropriado, tipo de conceção).

Relação de Coparentalidade

A versão pré-natal da *Coparenting Relationship Scale* (CRS-FPV) (Pinto et al., 2019) é uma medida de autorrelato utilizada de modo a medir as expectativas em relação à coparentalidade em mães e pais. A escala é avaliada numa escala tipo *Likert* de 7 pontos em que 0 corresponde a "Nada verdadeiro sobre nós" e 6 a "Muito verdadeiro sobre nós". É constituída por 30 itens, apresentando 4 subescalas: (a) falta de suporte coparental composta por 14 itens (e.g., Eu acredito que o meu companheiro será um bom pai), (b) conflito coparental composta por 5 itens (e.g., Eu e o meu companheiro vamos discutir sobre o nosso filho à frente dele), (c) desacordo coparental composta por 6 itens (e.g., O meu companheiro e eu vamos ter ideias diferentes sobre como criar o nosso filho) e (d) sabotagem coparental composta por 4 itens (e.g., Penso que o meu companheiro vai minar o meu trabalho enquanto mãe). Pontuações mais elevadas indicam expectativas mais negativas da coparentalidade, sendo que os resultados totais podem variar entre 0 e 180 pontos. A pontuação de cada subescala é obtida pela soma dos itens que a compõem, exceto na subescala de falta de suporte coparental, na qual são somados os itens invertidos. A pontuação total da escala é calculada pela soma das pontuações das subescalas.

Este instrumento revelou índices adequados de consistência interna (*Alpha* de *Cronbach* = .85) (Pinto et al., 2019). No presente estudo, a análise da consistência interna das subescalas da CRS-FPV no 1.º trimestre revelou valores de α = .93 para a Escala Total, α = .93 para Falta de Suporte Coparental, α = .81 para Conflito Coparental, α = .75 para Desacordo Coparental e α = .47 para Sabotagem Coparental. No 3.º trimestre, os valores observados foram α = .88 para a Escala Total, α = .89 para Falta de Suporte

Coparental, α = .83 para Conflito Coparental, α = .67 para Desacordo Coparental e α = .43 para Sabotagem Coparental.

Envolvimento Emocional

A versão portuguesa alargada da *The Father/Mother-to-Infant Bonding Scale* (MIBS) (Figueiredo & Costa, 2009) é uma escala de autorrelato utilizada para medir o envolvimento emocional em relação ao bebé. A escala é constituída por 11 itens cotados numa escala *Likert* de 4 pontos (Nada, Um Pouco, Bastante, Muito). A pontuação mais elevada em cada item representa uma maior intensidade do sentimento reportado em relação ao bebé. A escala possui três subescalas: (a) *bonding* positivo constituída por 3 itens (Afetuoso, Protetor, Alegre) de modo a medir o envolvimento emocional positivo; (b) *bonding* negativo constituída por 6 itens (Desiludido, Ressentido, Desgostoso, Agressivo, Medroso, Zangado, Triste) de modo a medir o envolvimento emocional negativo e (c) *bonding not clear* constituída por 2 itens (Neutro ou sem sentimentos, Medroso) que permite sinalizar emoções que não se encontram claramente associadas ao envolvimento emocional com o bebé. Um resultado elevado nas subescalas corresponde a uma maior presença da dimensão avaliada, sendo que um resultado total elevado indica um maior envolvimento emocional com o bebé. A pontuação total pode variar de 0 a 3, sendo que resultados entre 0 e 1 indicam um envolvimento pobre, entre 1 e 2, um envolvimento moderado, e entre 2 e 3, um envolvimento elevado. A pontuação de cada subescala é obtida pela soma dos itens que a compõem. A pontuação total da escala é calculada somando-se a pontuação da subescala de *bonding* positivo e as pontuações invertidas das subescalas de *bonding* negativo e *bonding not clear*.

Este instrumento revelou índices satisfatórios de consistência interna (Alpha de Cronbach = .71) e fidelidade teste-reteste (Correlação de Spearman = .49) (Figueiredo & Costa, 2009). No presente estudo, a análise da consistência interna das subescalas da MIBS revelou, no 1.º trimestre, valores de α = .67 para a escala total; α = .71 para *bonding* positivo, α = .64 para *bonding* negativo e α = .25 para *bonding* não claro. No 3.º trimestre, os valores observados foram α = .75 para a escala total, α = .78 para *bonding* positivo, α = .80 para *bonding* negativo e α = .32 para *bonding* não claro.

Análises Estatísticas

A análise estatística foi realizada por meio do *software* IBM-SPSS® (versão 28.0. Armonk, NY: IBM Corp.). A significância estatística foi considerada com $p < .05$ e a significância marginal foi considerada com $p < .10$. Para realizar a descrição das variáveis em estudo foi utilizada estatística descritiva.

De modo a analisar (a) as trajetórias da coparentalidade entre o 1º trimestre de gravidez e o 3º trimestre de gravidez, em mães e pais, (b) as trajetórias do envolvimento emocional com o bebé entre o 1º trimestre de gravidez e o 3º trimestre de gravidez, em mães e pais, e (c) a associação entre a coparentalidade e o envolvimento emocional com o bebé, entre o 1º trimestre de gravidez e o 3º trimestre de gravidez, em mães e pais foram estimadas curvas de crescimento através de modelos lineares. O tempo 0 foi definido como a data da primeira avaliação no 1º trimestre de gravidez (*baseline*) e a variável do tempo foi medida em semanas desde a *baseline* até 3º trimestre de gravidez.

Foram realizados diferentes modelos para cada variável dependente sendo os modelos ajustados para o sexo. Para o objetivo (a), foram elaborados cinco modelos, quatro utilizando cada uma das subescalas da CRS como variáveis dependentes e um utilizando a escala total, considerando tempo, sexo e as suas interações como preditores. Para o objetivo (b), foram construídos quatro modelos, sendo três com as subescalas da MIBS e um com a escala total como variáveis dependentes, considerando tempo, sexo e as suas interações como preditores. Para o objetivo (c), foram desenvolvidos 16 modelos que incluíram como preditores contínuos as dimensões da coparentalidade, o tempo, o sexo e as suas interações. Esses preditores foram aplicados a quatro modelos com a escala total MIBS como variável dependente e a 12 modelos com as suas subescalas (4 para cada subescala). Foram realizadas representações gráficas para as interações significativas com preditores contínuos através da utilização do desvio padrão acima e abaixo da média geral dos preditores.

Resultados

As estatísticas descritivas (médias e desvios padrão) referentes às pontuações totais e às dimensões das escalas de coparentalidade e envolvimento emocional com o bebé, para mães e pais, são apresentadas na Tabela 2.

Tabela 2

Médias e desvios padrão da coparentalidade e do envolvimento emocional com o bebé (N=92)

Variáveis	1º Trimestre						3º Trimestre					
	Total (N=92)		Mães (N=52)		Pais (N=92)		Total (N=92)		Mãe (N=52)		Pai (N=40)	
	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD	M	SD
Score Total CRS	18.11	19.82	16.02	14.73	17.14	19.96	16.75	16.31	15.95	13.99	17.43	18.74
Falta de Suporte	8.69	11.36	8.05	8.73	7.32	9.48	8.38	10.01	8.02	8.33	7.32	0.89
Conflito	1.75	3.25	1.54	2.25	1.84	3.80	1.44	3.01	1.32	2.57	1.73	3.76
Desacordo	6.01	6.16	5.41	5.72	5.81	6.15	5.52	5.69	5.56	5.29	6.30	6.57
Sabotagem	1.60	2.78	1.02	2.30	2.16	3.02	1.41	2.63	1.05	2.13	2.08	3.32
Score Total MIBS	2.77	0.25	2.77	0.22	2.76	0.25	2.73	0.29	2.76	0.26	2.72	0.31
Bonding Positivo	2.64	0.47	2.63	0.46	2.60	0.50	2.69	0.48	2.67	0.47	2.68	0.49
Bonding Negativo	0.04	0.13	0.02	0.05	0.04	0.11	0.08	0.24	0.04	0.14	0.10	0.30
Bonding Not Clear	0.30	0.40	0.29	0.35	0.27	0.42	0.40	0.46	0.35	0.41	0.45	0.51

Nota. CRS = *Coparenting Relationship Scale:* MIBS = *Mother-Infant Bonding Scale.*

CRS: Pontuação total (0–180). Subescalas: Falta de suporte (0–84), Conflito (0–30), Desacordo (0–36), Sabotagem (0–24).

MIBS: Pontuação Total e subescalas (0–3).

Trajetória da coparentalidade entre o 1º trimestre e o 3ºtrimestre de gravidez em mães e pais

Não foram encontrados efeitos do tempo na coparentalidade total entre o 1.º e o 3.º trimestre de gravidez. Não foram observados efeitos do sexo dos participantes nem interações significativas entre sexo e tempo na escala total da coparentalidade. Ao considerar as diferentes dimensões da coparentalidade, não foram observados efeitos do tempo, sexo ou das suas interações com o tempo, com exceção da subescala de sabotagem coparental. Nesta dimensão, foi identificado um efeito significativo do sexo (β = 0.64, p = .024), indicando que os pais reportaram significativamente mais expectativas de sabotagem coparental do que as mães no 1º trimestre de gravidez (ver Tabela 3).

Tabela 3

Trajetórias da coparentalidade entre o 1º e 3º trimestre de gravidez

Variáveis	Efeitos Fixos	B	SE	p	95% IC
Score Total CRS	Interceção	17.88	1.97	<.001	]13,98,21.79[
	Tempo	-0.02	0.08	.773	]-018, 0.13[
	Sexo	-0.54	1.97	.784	]-4.44, 3.36[
	Tempo*Sexo	0.04	0.08	.645	]-0.12, 0.19[
Falta de Suporte	Interceção	8.57	1.13	<.001	]6.33, 10.80[
	Tempo	-0.02	0.05	.649	]-0.12, 0.07[
	Sexo	-1.26	1.13	.267	]-3.48, 0.98[
	Tempo*Sexo	0.02	0.05	.620	]-0.07, 0.12[
Conflito	Interceção	1.70	0.34	<.001	]1.30, 2.38[
	Tempo	-0.01	0.02	.499	]-0,05, 0,02[
	Sexo	0.02	0.34	.946	]-0.65, 0.70[

	Tempo*Sexo	0.00	0.02	. 834	]-0.03, 0.04[
Desacordo	Interceção	5.98	0.63	<.001	]4.72, 7.23[
	Tempo	-0.02	0.04	.579	]-0.09, 0.05[
	Sexo	-0.05	0.63	.936	]-1.31, 1.20[
	Tempo*Sexo	0.02	0.04	.503	]-0.05, 0.10[
Sabotagem	Interceção	1.63	0.28	<.001	]1.08, 2.19[
	Tempo	-0.01	0.01	.537	]-0.04, 0.02[
	Sexo	0.64	0.28	.024	]0.09, 1.20[
	Tempo*Sexo	-0.01	0.02	.563	]-0.04, 0.02[

Nota. IC = Intervalo de Confiança, CRS = *Coparenting Relationship Scale,* Sexo: -1=mãe, 1=pai

Trajetórias de envolvimento emocional com o bebé entre o 1º trimestre e o 3ºtrimestre de gravidez em mães e pais

Não foram observados efeitos significativos do tempo no envolvimento emocional com o bebé entre o 1º e 3º trimestre, nem efeitos significativos do sexo ou da interação entre sexo e tempo. Quando analisadas separadamente as diferentes dimensões do envolvimento emocional, não foram encontrados efeitos significativos do sexo, nem interações significativas entre sexo e tempo no envolvimento emocional positivo. Verificou-se um efeito marginalmente significativo do tempo no envolvimento emocional negativo (β = 0.00, p = .061), apontando para uma possível tendência de aumento ao longo da gravidez. Por outro lado, observaram-se efeitos significativos do tempo no envolvimento emocional não claro (β = 0.01, p = .015), indicando um aumento desta dimensão entre o primeiro e o terceiro trimestre de gravidez (ver Tabela 4).

Tabela 4

Trajetórias do envolvimento emocional entre o 1º e 3º trimestre de gravidez

Variáveis	Efeitos Fixos	β	SE	p	95% IC
Score Total MIBS	Interceção	2.77	0.03	<.001	]2.71,2.83[
	Tempo	-0.00	0.00	.264	]-0.01, 0.00[
	Sexo	0.01	0.03	.713	]-0.05, 0.07[
	Tempo*Sexo	-0.00	0.00	.471	]-0.01, 0.00[
Bonding Positivo	Interceção	2.64	0.05	<.001	]2.54, 2.74[
	Tempo	0.00	0.00	.336	]-0.00, 0.01[
	Sexo	-0.01	0.05	.807	]-0.11, 0,09[
	Tempo*Sexo	0.00	0.00	.723	]-0.01, 0.01[
Bonding Negativo	Interceção	0.04	0.02	.063	]-0.00, 0.08[
	Tempo	0.00	0.00	.061	]-0.00, 0.01[
	Sexo	-0.00	0.02	.974	]-0.04, 0.04[
	Tempo*Sexo	0.00	0.00	.411	]-0.00, 0.00[
Bonding Not Clear	Interceção	0.30	0.05	<.001	]0.21, 0.39[
	Tempo	0.01	0.00	.015	]0.00, 0.01[
	Sexo	-0.05	0.05	.320	]-0.14, 0.04[
	Tempo*Sexo	0.00	0.00	.144	]-0.00, 0.01[

Nota. IC= Intervalo de Confiança; MIBS = *Mother-Infant Bonding Scale,* Sexo: -1=mãe, 1=pai

Associações entre as trajetórias de coparentalidade e de envolvimento emocional com o bebé desde o 1º trimestre até o 3º trimestre de gravidez em mães e pais

Mais expectativas de falta de suporte coparental (β = -0.01; p < .001), de conflito (β = -0.03; p < .001), de desacordo (β = -0.01; p < .004) e de sabotagem (β = -0.02; p = .028) associaram-se a menos envolvimento emocional com o bebé no 1º trimestre de gravidez. Foram encontrados efeitos da interação entre tempo, sexo e conflito coparental no envolvimento emocional com o bebé (β = 0.00, p = .026) (ver Tabela 5). Apesar de reportarem menor envolvimento emocional com o bebé ao longo do tempo do que as mães e pais com baixas expectativas de conflito, pais com expectativas elevadas de conflito apresentaram uma diminuição mais acentuada de envolvimento emocional entre o 1º e 3º trimestre do que as mães com expectativas de elevado conflito (ver figura 1).

Figura 1

Trajetórias de envolvimento emocional com o bebé em mães e pais com elevadas e baixas expectativas de conflito coparental

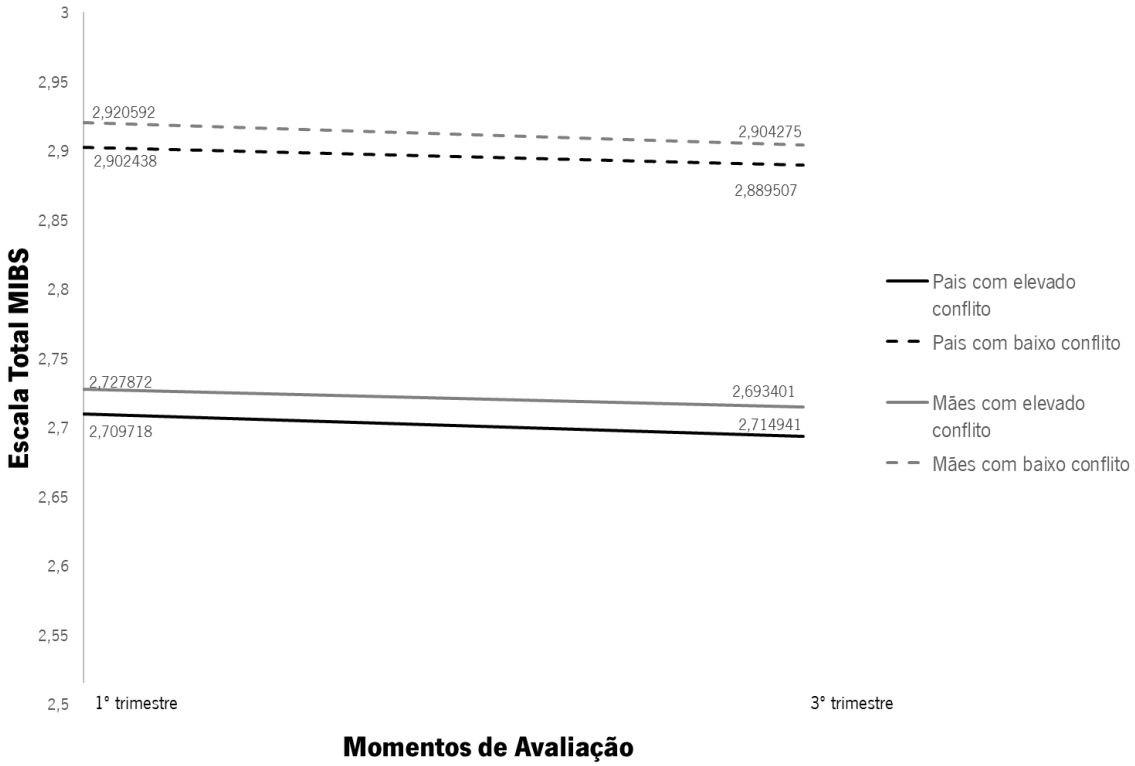


Tabela 5

Associação entre as Trajetórias de Coparentalidade e de Envolvimento Emocional (Escala Total MIBS) entre o 1º e 3º trimestre de gravidez

Variáveis	Efeitos Fixos	β	SE	p	95% IC
Escala Total MIBS	Interceção	2.87	0.03	<.001	]2.80,2.94[
	Tempo	-0.00	0.00	.203	]-0.00, 0.00[
	Sexo	0.02	0.02	.446	]-0.06, 0.03[
	Falta de Suporte	-0.01	0.00	<.001	]-0.02, -0.01[
	Tempo*Falta de Suporte	0.00	0.00	.542	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Falta de Suporte	0.00	0.00	.705	]-0.00, 0.00[
Escala Total MIBS	Interceção	2.82	0.03	<.001	]2.76, 2.87[
	Tempo	-0.00	0.00	.669	]-0.01, 0.00[
	Sexo	-0.01	0.02	.690	]-0.05, 0.04[
	Conflito	-0.03	0.01	<.001	]-0.05, -0.01[
	Tempo*Conflito	-0.00	0.00	.256	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Conflito	0.00	0.00	.026	]-0.00, 0.00[

Escala Total MIBS	Interceção	2.84	0.04	<.001	]2.77, 2.92[
	Tempo	-0.00	0.00	.126	]-0.01, 0.00[
	Sexo	-0.01	0.03	.824	]-0.06, 0.05[
	Desacordo	-0.01	0.00	.004	]-0.02, -0.00[
	Tempo*Desacordo	0.00	0.00	.283	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Desacordo	0.00	0.00	.654	]-0.00, 0.00[
Escala Total MIBS	Interceção	2.80	0.03	<.001	]2.74, 2.86[
	Tempo	-0.00	0.00	.387	]-0.01, 0.00[
	Sexo	0.02	0.02	.470	]-0.03, 0.06[
	Sabotagem	-0.02	0.01	.028	]-0.04, -0.00[
	Tempo*Sabotagem	0.00	0.00	.968	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Sabotagem	-0.00	0.00	.435	]-0.04, 0.00[

Nota. IC= Intervalo de Confiança; MIBS = *Mother-Infant Bonding Scale,* Sexo: -1=mãe, 1=pai

Mais expectativas de falta de suporte coparental (β = -0.02, p < .001), conflito (β = -0.04, p =.006) e desacordo (β = -0.02, p = 0.023) associaram-se a menor envolvimento emocional positivo no 1º trimestre de gravidez. Não foram encontradas associações entre sabotagem coparental e envolvimento emocional positivo no 1º trimestre. Foram encontrados efeitos da interação entre tempo, sexo e conflito coparental no envolvimento emocional positivo (β = 0.00, p = .036)(ver Tabela 6). Apesar de reportarem maior envolvimento emocional positivo ao longo do tempo do que as mães e pais com elevadas expectativas de conflito, pais com expectativas baixas de conflito apresentaram um aumento mais acentuado de envolvimento emocional positivo entre o 1º e 3º trimestre do que mães com expectativas de baixo conflito (ver figura 2).

Figura 2

Trajetórias de envolvimento emocional positivo em mães e pais com elevadas e baixas expectativas de conflito coparental

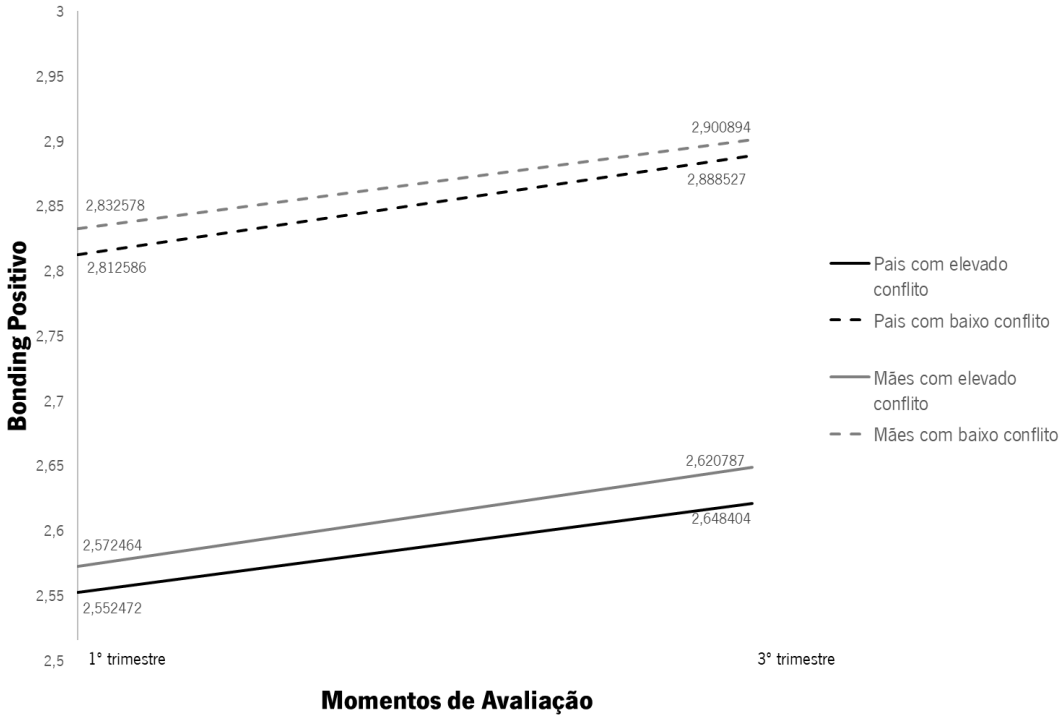


Tabela 6

Associação entre as Trajetórias de Coparentalidade e do Envolvimento Emocional Positivo entre o 1º e 3º trimestre de gravidez

Variáveis	Efeitos Fixos	β	SE	p	95% IC
Bonding Positivo	Interceção	2.80	0.06	<.001	]2.68,2.92[
	Tempo	0.00	0.00	.779	]-0.01, 0.01[
	Sexo	-0.04	0.04	.322	]-0.13, 0.04[
	Falta de Suporte	-0.02	0.00	.<.001	]-0.03, -0.01[
	Tempo*Falta de Suporte	0.00	0.00	.458	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Falta de Suporte	0.00	0.00	.197	]-0.00, 0.00[
Bonding Positivo	Interceção	2.69	0.06	<.001	]2.58, 2.80[
	Tempo	0.00	0.00	.228	]-0.00, 0.01[
	Sexo	–0.01	0.04	.813	]-0.09, 0.07[
	Conflito	-0.04	0.01	.006	]-0.07, -0.01[
	Tempo*Conflito	-0.00	0.00	.422	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Conflito	0.00	0.00	.036	]0.00, 0.00[

Bonding Positivo	Interceção	2.74	0.07	<.001	]2.61, 2.88[
	Tempo	-0.00	0.00	.694	]-0.01, 0.01[
	Sexo	-0.02	0.05	.591	]-0.12, 0.07[
	Desacordo	-0.02	0.01	.023	]-0.03, -0.00[
	Tempo*Desacordo	0.00	0.00	.223	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Desacordo	0.00	0.00	.169	]-0.00, 0.00[
Bonding Positivo	Interceção	2.69	0.06	<.001	]2.57, 2.80[
	Tempo	0.00	0.00	.678	]-0.01, 0.01[
	Sexo	0.01	0.04	.792	]-0.08, 0.10[
	Sabotagem	-0.03	0.02	.076	]-0.06, -0.00[
	Tempo*Sabotagem	0.00	0.00	.527	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Sabotagem	-0.00	0.00	.985	]-0.04, 0.00[

Nota. IC= Intervalo de Confiança; Sexo: -1=mãe, 1=pai

Mais expectativas de falta de suporte (β = 0.01; p = .005), de conflito (β = 0.02; p = .008) e de desacordo coparental (β = 0.01; p = .026) associaram-se a mais envolvimento emocional negativo no 1º trimestre de gravidez. Não foram encontradas associações entre sabotagem coparental e envolvimento emocional negativo no 1º trimestre. Foram encontrados efeitos da interação entre tempo, sexo e falta de suporte coparental no envolvimento emocional negativo (β = -0.00, p = .018)(ver Tabela 7). Apesar de mães e pais com baixas expectativas de falta de suporte apresentarem menor envolvimento emocional negativo, pais com expectativas elevadas de falta de suporte apresentaram um aumento ligeiramente mais acentuado de envolvimento emocional negativo do 1º para o 3º trimestre de gravidez, quando comparados com mães com expectativas elevadas de falta de suporte (ver figura 3). Foram encontrados efeitos da interação entre tempo, sexo e conflito coparental no envolvimento emocional negativo (β = -0.00, p = .001). Apesar de mães e pais com elevadas expectativas de conflito apresentarem maior envolvimento emocional negativo, mães com expectativas elevadas de conflito apresentaram um aumento ligeiramente mais acentuado de envolvimento emocional negativo do 1º para o 3º trimestre de gravidez, quando comparados com pais com expectativas elevadas de conflito (ver figura 4).

Figura 3

Trajetórias de envolvimento emocional negativo em mães e pais com elevadas e baixas expectativas de falta de suporte coparental

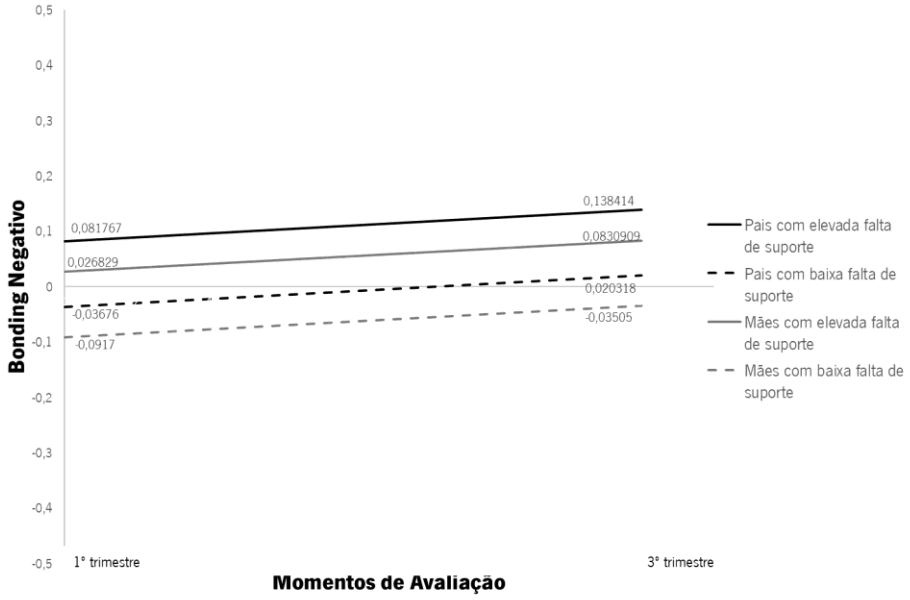


Tabela 7

Associação entre as Trajetórias de Coparentalidade e Envolvimento Emocional Negativo entre o 1º e 3º trimestre de gravidez

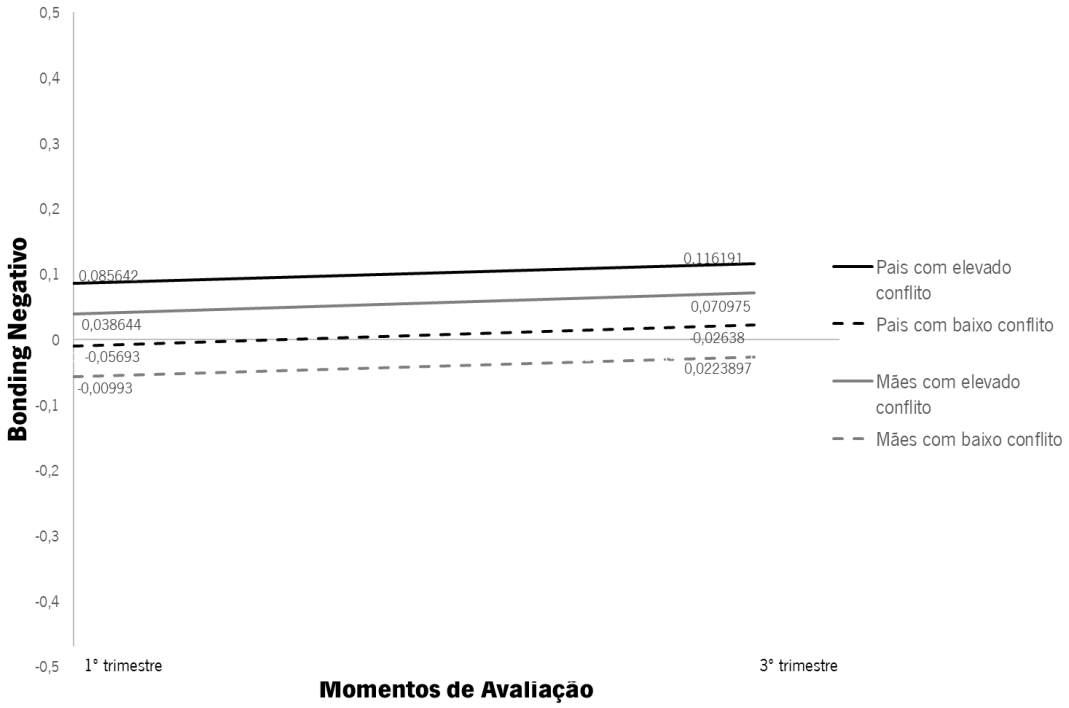
Variáveis	Efeitos Fixos	β	SE	p	95% IC
Bonding Negativo	Interceção	-0.00	0.03	.845	]-0.05, 0.04[
	Tempo	0.00	0.00	.049	]0.00, 0.01[
	Sexo	0.03	0.02	.126	]-0.01, 0.06[
	Falta de Suporte	0.01	0.00	.005	]0.00, 0.01[
	Tempo*Falta de Suporte	-0.00	0.00	.220	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Falta de Suporte	-0.00	0.00	.018	]-0.00, 0.00[
Bonding Negativo	Interceção	0.01	0.02	.498	]-0.03, 0.06[
	Tempo	0.00	0.00	.215	]-0.00, 0.01[
	Sexo	0.02	0.02	.133	]-0.01, 0.05[
	Conflito	0.02	0.01	.008	]-0.00, 0.03[
	Tempo*Conflito	0.00	0.00	.744	]0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Conflito	-0.00	0.00	.001	]-0.00, -0.00[

Bonding Negativo	Interceção	0.00	0.03	.983	]-0.05, 0.05[
	Tempo	0.00	0.00	.140	]-0.00, 0.01[
	Sexo	-0.02	0.02	.163	]-0.01, 0.06[
	Desacordo	0.01	0.00	.026	]0.00, 0.01[
	Tempo*Desacordo	-0.00	0.00	.494	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Desacordo	-0.00	0.00	.073	]-0.00, 0.00[
Bonding Negativo	Interceção	0.03	0.02	168	]-0.01, 0.08[
	Tempo	0.00	0.00	.568	]-0.00, 0.00[
	Sexo	0.00	0.02	.898	]-0.03, 0.04[
	Sabotagem	0.00	0.01	.494	]-0.01, 0.02[
	Tempo*Sabotagem	0.00	0.00	.058	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Sabotagem	-0.00	0.00	.763	]-0.00, 0.00[

Nota. IC= Intervalo de Confiança; Sexo: -1=mãe, 1=pai

Figura 4

Trajetórias de envolvimento emocional negativo em mães e pais com elevadas e baixas expectativas de conflito coparental



Mais expectativas de falta de suporte (β = 0.01; p = .008) e de conflito (β = 0.03; p = .012) associaram-se a mais envolvimento emocional não claro no 1º trimestre de gravidez. Não foram encontradas associações entre desacordo ou sabotagem coparental e envolvimento emocional não claro no 1º trimestre (ver Tabela 8).

Tabela 8

Associação entre as Trajetórias de Coparentalidade e Envolvimento Emocional Não Claro entre o 1º e 3º trimestre de gravidez

Variáveis	Efeitos Fixos	β	SE	p	95% IC
Bonding Not Clear	Interceção	0.20	0.06	<.001	]0.09,0.31[
	Tempo	0.01	0.00	.084	]-0.00, 0.01[
	Sexo	-0.03	0.04	.509	]-0.11, 0.05[
	Falta de Suporte	0.01	0.00	.008	]0.00, 0.02[
	Tempo*Falta de Suporte	0.00	0.00	.701	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Falta de Suporte	0.00	0.00	.059	]-0.00, 0.00[
Bonding Not Clear	Interceção	0.24	0.05	<.001	]0.14, 0.39[
	Tempo	0.00	0.00	.153	]-0.00, 0.01[
	Sexo	-0.01	0.04	.767	]-0.09, 0.06[
	Conflito	0.03	0.01	.012	]0.01, -0.06[
	Tempo*Conflito	0.00	0.00	.222	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Conflito	-0.00	0.00	.723	]-0.00, 0.00[

Bonding Not Clear	Interceção	0.22	0,04	<.001	]0.11, 0.34[
	Tempo	0.01	0.00	.070	]-0.00, 0.02[
	Sexo	-0.03	0.04	.419	]-0.12, 0.05[
	Desacordo	0.01	0.01	.063	]-0.00, 0.02[
	Tempo*Desacordo	-0.00	0.00	.717	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Desacordo	0.00	0.00	.140	]-0.00, 0.00[
Bonding Not Clear	Interceção	0.26	0.05	<.001	]0.16, 0.36[
	Tempo	0.01	0.00	.067	]-0.00, 0.01[
	Sexo	-0.04	0.04	.263	]-0.12, 0.03[
	Sabotagem	0.02	0.01	.107	]-0.00, 0.05[
	Tempo*Sabotagem	-0.00	0.00	.905	]-0.00, 0.00[
	Tempo*Sexo*Sabotagem	0.00	0.00	.106	]-0.04, 0.00[

Nota. IC= Intervalo de Confiança; Sexo: -1=mãe, 1=pai

Discussão

O presente estudo teve como objetivo explorar o desenvolvimento da coparentalidade e do envolvimento emocional com o bebé ao longo da gravidez, bem como a relação entre estas dimensões, considerando ainda as possíveis diferenças entre mães e pais.

Os resultados sugerem que as expectativas coparentais são estáveis ao longo da gravidez. Esta estabilidade observada é consistente com estudos que apontam para uma continuidade das dinâmicas coparentais desde a gravidez até ao pós-parto (e.g., Van Egeren, 2004; McHale & Rotman, 2007). Apesar de mães e pais reportarem expectativas semelhantes em relação à coparentalidade, observou-se que os pais apresentavam expectativas mais elevadas de sabotagem coparental, que se refere à perceção de que a companheira vai sabotar o seu papel do pai. Esta diferença manteve-se estável entre o 1º e o 3º trimestre de gravidez, sugerindo que os pais podem sentir que as companheiras os irão sabotar de forma consistente ao longo da gravidez. Ainda que alguns estudos indiquem que os pais tendem a relatar perceções mais positivas da coparentalidade comparativamente às mães (e.g., Bai et al., 2024; Gordon & Feldman, 2008; Lindsey et al., 2005), também se verifica que os pais frequentemente apresentam níveis mais elevados de comprometimento na relação coparental inicial, o que pode estar associado a fenómenos de *gatekeeping* materno (Schoppe-Sullivan et al., 2008). Assim, é possível que expectativas mais negativas dos pais quanto à sabotagem coparental reflitam expectativas de exclusão na parentalidade, que poderão ser impactadas pelas expectativas e atitudes maternas (Schoppe-Sullivan et al., 2015). Deste modo, os resultados do presente estudo apontam para a importância de considerar o papel do *gatekeeping* materno durante a gravidez, enquanto processo com potencial impacto nas dinâmicas coparentais futuras.

Relativamente ao envolvimento emocional com o bebé, os resultados também indicaram estabilidade geral ao longo da gravidez, sem diferenças significativas entre mães e pais. De forma consistente com estudos anteriores (e.g., Samorinha et al., 2009; Figueiredo et al., 2007), estes resultados sugerem que o envolvimento emocional desenvolve-se de forma semelhante em ambas as figuras parentais. O envolvimento emocional positivo manteve-se estável ao longo da gravidez, sem diferenças significativas entre mães e pais. Este resultado pode indicar que ambos os pais desenvolvem emoções positivas face ao bebé, independentemente do período gestacional. Esta estabilidade pode refletir expectativas positivas face à parentalidade e um envolvimento emocional precoce que se mantém ao longo da gravidez, alinhando-se com

estudos que identificam predominantemente emoções positivas associadas ao bebé por parte de ambos os pais (Samorinha et al., 2009). O envolvimento emocional não claro apresentou um aumento significativo ao longo da gravidez. Este resultado sugere que, à medida que o nascimento se aproxima, mães e pais podem experienciar um aumento de sentimentos ambivalentes relativamente ao bebé. Importa salientar que não foram encontrados efeitos significativos do sexo ou da interação entre sexo e tempo, o que indica que essa evolução emocional mais ambígua ocorre de forma semelhante em mães e pais. Apesar da escassez de estudos centrados nos pais na gravidez, a presença de emoções não claras é comum no terceiro trimestre da gravidez entre a maioria das mães (Figueiredo et al., 2007b). Tal pode dever-se ao aumento da ansiedade específica da gravidez, caracterizada por preocupações e medos relacionados com a gravidez, o parto, a saúde do bebé e a parentalidade futura (Huizink et al., 2004). A ansiedade relativamente ao parto tende a intensificar-se neste período, sendo mais evidente nas mães (Madhavanprabhakaran et al., 2015), mas também observada em mães e pais multíparos (Teixeira et al., 2009). Nas mães, as alterações hormonais intensas entre a gravidez e o pós-parto podem afetar negativamente o humor, influenciando a forma como se sentem em relação ao bebé (Taylor et al., 2005). O parto é frequentemente vivido pelas mães como um momento de elevado *stress* (e.g., Conde et al., 2008), o que pode comprometer o estado emocional materno e a sua relação inicial com o bebé (Figueiredo, 2013). Assim, a aproximação do parto poderá contribuir para um aumento de emoções indefinidas em relação ao bebé. Apesar das diferenças biológicas e hormonais, as preocupações manifestadas por mães e pais no final da gravidez aparentam ser semelhantes (Matulaite-Horwood & Bieliauskaite, 2005), o que poderá justificar o aumento desta ambivalência emocional em ambas as figuras parentais no terceiro trimestre.

Os resultados indicam que expectativas parentais sobre a coparentalidade ao longo da gravidez — nomeadamente falta de suporte, conflito, desacordo e sabotagem — associam-se significativamente ao desenvolvimento do envolvimento emocional com o bebé durante a gravidez. Reforçando a relevância de considerar a coparentalidade no período pré-natal, uma vez que parece desempenhar um papel determinante no estabelecimento do vínculo com o bebé. No primeiro trimestre de gravidez, expectativas mais elevadas de falta de suporte, conflito, desacordo e sabotagem coparental associaram-se a níveis mais baixos de envolvimento emocional geral. Estes resultados sugerem que expectativas de um contexto coparental desfavorável podem comprometer o desenvolvimento de uma ligação emocional saudável com o bebé desde o início da gravidez. Ao longo da gravidez, verificaram-se diferenças relevantes entre mães e pais. Embora

expectativas elevadas de conflito coparental se associassem a níveis menos elevados de envolvimento emocional, pais com expectativas elevadas de conflito, face às mães, apresentaram uma trajetória de diminuição mais acentuada do envolvimento emocional ao longo da gravidez. Estes resultados sugerem que os pais podem ser particularmente sensíveis à qualidade da relação coparental no período pré-natal, provavelmente por dependerem mais dessa relação para se sentirem incluídos na gravidez, tal como sugerido por estudos anteriores (Perry et al., 2017). Estudos mostram que os pais sentem que experienciam menos oportunidades concretas de ligação com o feto durante a gestação (Barclay & Lupton, 1999; Premberg et al., 2008), pelo que expectativas de conflito coparental poderão comprometer ainda mais essas oportunidades, comprometendo o desenvolvimento do envolvimento emocional.

Relativamente ao envolvimento emocional positivo, mais expectativas de falta de suporte, conflito e desacordo coparental associaram-se a menos emoções positivas em relação ao bebé no 1º trimestre de gravidez. Verificou-se que pais com expectativas baixas de conflito mostraram um aumento mais acentuado desta dimensão ao longo do tempo, face às mães. No que diz respeito ao envolvimento emocional negativo, mais expectativas de falta de suporte, conflito e desacordo coparental associaram-se a mais emoções negativas em relação ao bebé no 1º trimestre de gravidez. Verificou-se que, pais com elevadas expectativas de falta de suporte, apresentaram um aumento ligeiramente mais acentuado do envolvimento emocional negativo ao longo da gravidez, comparativamente com as mães. Isso pode refletir uma maior vulnerabilidade paterna face à falta de apoio materno, que pode estar relacionada a processos de *gatekeeping* materno. Durante a gravidez, algumas mães já manifestam atitudes que preveem comportamentos de *gatekeeping* no pós-parto, como expectativas perfeccionistas quanto ao desempenho do pai, que podem impactar negativamente a participação paterna na parentalidade (Schoppe-Sullivan et al., 2015). Assim, expectativas de falta de suporte podem levar a um menor envolvimento do pai na parentalidade e, consequentemente, a um aumento de emoções negativas em relação ao bebé. Para além disso, mães com expectativas mais elevadas de conflito apresentaram um aumento ligeiramente mais acentuado do envolvimento emocional negativo ao longo do tempo, face aos pais, o que sugere que o *stress* relacional decorrente da antecipação de conflitos pode intensificar estados emocionais negativos, especialmente num período de elevada vulnerabilidade como a gravidez. Por fim, quanto ao envolvimento emocional não claro, apenas as expectativas de falta de suporte e conflito mostraram associações significativas no 1º trimestre, sugerindo

que expectativas de falta de apoio e de conflito podem gerar ambivalência face ao próprio bebé no início da gravidez.

Implicações para a Prática e Investigação

A capacidade dos pais de desenvolver competências parentais para cuidar do bebé é fundamental para fortalecer o envolvimento emocional com o bebé (Goodman, 2005). Avaliar a qualidade da relação coparental durante a gravidez pode ajudar a identificar dinâmicas de risco (e.g., presença de conflitos), que podem comprometer o envolvimento emocional com o bebé. Isto permite desenvolver estratégias preventivas para reduzir problemas coparentais e dificuldades de envolvimento emocional, com impacto no desenvolvimento da criança. Complementarmente, pode trazer novas evidências para intervenções já aplicadas através de uma melhor compreensão da promoção da coparentalidade (Feinberg, 2002). Assim, a coparentalidade não deve ser entendida apenas como uma questão do pós-parto, mas como um processo que emerge e se estabiliza na gravidez, com impacto direto no envolvimento emocional pré-natal. O suporte clínico focado na coparentalidade pode empoderar os pais, tornando-os mais capazes e confiantes nos cuidados infantis, através de comportamentos facilitadores e de apoio (Wells et al., 2022). Investir no fortalecimento da coparentalidade durante a transição para a parentalidade tem sido associado a diversos benefícios, como melhoras na qualidade da relação conjugal, na saúde mental dos pais, na parentalidade e no ajustamento infantil (Cowan & Cowan, 2000; Feinberg, 2002, 2003). Em termos clínicos, o envolvimento emocional com o bebé é um indicador importante da adaptação à parentalidade, podendo ser usado no despiste precoce de mães e pais que não estão a realizar uma transição adaptada para a parentalidade e, portanto, em risco de não aceitar e prestar cuidados adequados ao bebé (Figueiredo, 2005), devendo os profissionais envolvidos nos cuidados de saúde pré-natais considerar a monitorização do envolvimento emocional desde a gravidez (Tichelman et al., 2019). Do ponto de vista da investigação, os resultados do presente estudo sublinham a importância de considerar a coparentalidade como um processo com início na gravidez, o que permite ampliar o entendimento teórico sobre a transição para a parentalidade, destacando o papel das expectativas coparentais e do envolvimento emocional na gravidez. Estes resultados abrem caminho para estudos longitudinais que acompanhem mães e pais desde a gravidez até ao pós-parto, permitindo analisar a continuidade e a evolução das dinâmicas coparentais ao longo do tempo, bem como o seu impacto no envolvimento emocional.

Limitações

Algumas limitações metodológicas do estudo são relevantes. O tamanho reduzido da amostra pode ter limitado o poder estatístico e um tamanho amostral maior poderia determinar de forma mais precisa as trajetórias de coparentalidade e envolvimento emocional com o bebé, e a interação destas variáveis na gravidez em mães e pais. O uso exclusivo de medidas de autorrelato constitui uma limitação, uma vez que pode introduzir enviesamentos decorrentes da desejabilidade social e da perceção subjetiva dos participantes. Incluir medidas observacionais da coparentalidade para avaliar as interações coparentais durante a gravidez poderia ser adequado (e.g., Carneiro et al., 2006). Estudos futuros poderão beneficiar de um seguimento prolongado após o parto para permitir uma compreensão aprofundada da estabilidade dos processos de coparentalidade e envolvimento emocional desde a gravidez até ao período pós-parto. Estudos futuros poderão explorar o papel de potenciais moderadores destas associações, como o suporte social, a saúde mental prévia e a qualidade da relação conjugal, de forma a aprofundar a compreensão dos fatores que contribuem para uma transição positiva para a parentalidade.

Conclusão

O presente estudo analisou as trajetórias de coparentalidade e envolvimento emocional durante a gravidez, bem como a sua associação em mães e pais.

Verificou-se que expectativas parentais acerca da coparentalidade se associam significativamente ao envolvimento emocional com o bebé. Pais com expectativas elevadas de conflito e falta de suporte mostraram uma diminuição mais acentuada do envolvimento emocional geral e um aumento mais acentuado do envolvimento emocional negativo, respetivamente. Mães com expectativas elevadas de conflito apresentaram um aumento mais acentuado do envolvimento emocional negativo.

Assim, os resultados do estudo fornecem evidências inovadoras para considerar a qualidade da coparentalidade já durante a gravidez, reconhecendo as suas implicações não só para o ajustamento parental, mas também para a construção do envolvimento emocional com o bebé.

Referências

Allen, S. M., & Hawkins, A. J. (1999). Maternal gatekeeping: Mothers' beliefs and behaviors that inhibit greater father involvement in family work. *Journal of Marriage and the Family*, *61*(1), 199–212. https://doi.org/10.2307/353894

Altenburger, L. E., Schoppe-Sullivan, S. J., Lang, S. N., Bower, D. J., & Kamp Dush, C. M. (2014). Associations between prenatal coparenting behavior and observed coparenting behavior at 9 months postpartum. *Journal of Family Psychology*, *28*(4), 495–504. https://doi.org/10.1037/fam0000012

Anderson, A. M. (1996). Factors influencing the father-infant relationship. *Journal of Family Nursing*, *2*(3), 306–324. https://doi.org/10.1177/107484079600200306

Bai, L., Chimed-Ochir, U., & Teti, D. M. (2024). Coparenting as a family-level construct: Parent and child inputs across the first two years. *Family Process*, *63*(4), 1982-1999. https://doi.org/10.1111/famp.12993

Barclay, L., & Lupton, D. (1999). The experiences of new fatherhood: A socio-cultural analysis. *Journal of Advanced Nursing*, *29*(4), 1013–1020. https://doi.org/10.1046/j.1365-2648.1999.00978.x

Belsky, J., & Pensky, E. (1988). Marital change across the transition to parenthood. *Marriage & Family Review*, *12*(3–4), 133–156. https://doi.org/10.1300/J002v12n03_08

Caldera, Y. M., & Lindsey, E. W. (2006). Coparenting, mother-infant interaction, and infant-parent attachment relationships in two-parent families. *Journal of Family Psychology*, *20*(2), 275–283. https://doi.org/10.1037/0893-3200.20.2.275

Campbell, C. G. (2023). Two decades of coparenting research: A scoping review. *Marriage & Family Review*, *59*(6), 379–411. https://doi.org/10.1080/01494929.2022.2152520

Cannon, E. A., Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., Brown, G. L., & Szewczyk Sokolowski, M. (2008). Parent characteristics as antecedents of maternal gatekeeping and fathering behavior. *Family Process*, *47*(4), 501–519. https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2008.00268.x

Carneiro, C., Corboz-Warnery, A., & Fivaz-Depeursinge, E. (2006). The prenatal Lausanne Trilogue Play: A new observational assessment tool of the prenatal co-parenting alliance. *Infant Mental Health Journal*, *27*(2), 207–228. https://doi.org/10.1002/imhj.20089

Coltrane, S., & Shih, K. Y. (2009). Gender and the division of labor. In J. C. Chrisler & D. R. McCreary (Eds.), *Handbook of gender research in psychology: Vol. 2. Gender research in social and applied psychology* (pp. 401–422). Springer. https://doi.org/10.1007/978-1-4419-1465-1_19

Conde, A. A., Figueiredo, B., Costa, R., Pacheco, A., & Pais, Á. (2008). Perception of the childbirth experience: Continuity and changes over the postpartum period. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, *26*(2), 139–154. https://doi.org/10.1080/02646830801918414

Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (1992). *When partners become parents: The big life change for couples*. Basic Books.

Cowan, C. P., & Cowan, P. A. (2000). *When partners become parents: The big life change for couples*. Mahwah, NJ: Lawrence Erlbaum Associates.

Cowan, C. P., Cowan, P. A., Kline Pruett, M. A., & Pruett, K. (2007). An approach to preventing coparenting conflict and divorce in low-income families: Strengthening couple relationships and fostering fathers' involvement. *Family Process*, *46*(1), 109–121. https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2006.00195.x

Cowan, P. A. (1991). Individual and family life transitions: A proposal for a new definition. In P. A. Cowan & M. Hetherington (Eds.), *Family transitions* (pp. 3–26). Hillsdale, NJ: Erlbaum.

Craig, L., & Mullan, K. (2010). Parenthood, gender and work-family time in the United States, Australia, Italy, France, and Denmark. *Journal of Marriage and Family*, *72*(5), 1344–1361. https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2010.00769.x

Damato, E. G. (2004). Prenatal attachment and other correlates of postnatal maternal attachment to twins. *Advances in Neonatal Care, 4*(5), 274–291. https://doi.org/10.1016/j.adnc.2004.07.005

de Cock, E. S. A., Henrichs, J., Vreeswijk, C. M. J. M., Maas, A. J. B. M., Rijk, C. H. A. M., & van Bakel, H. J. A. (2016). Continuous feelings of love? The parental bond from pregnancy to toddlerhood. *Journal of Family Psychology, 30*(1), 125–134. https://doi.org/10.1037/fam0000138

de Waal, N., van den Heuvel, M. I., Nyklíček, I., Pop, V. J., & Boekhorst, M. G. B. M. (2023). Paternal bonding in pregnancy and early parenthood: A qualitative study in first-time fathers. *Journal of Reproductive and Infant Psychology*, 1–16. https://doi.org/10.1080/02646838.2023.2252890

Ekelin, M., Crang-Svalenius, E., & Dykes, A. K. (2004). A qualitative study of mothers' and fathers' experiences of routine ultrasound examination in Sweden. *Midwifery, 20*(4), 335–344. https://doi.org/10.1016/j.midw.2004.02.001

Favez, N., Lopes, F., Bernard, M., Frascarolo, F., Lavanchy Scaiola, C., Corboz-Warnery, A., & Fivaz-Depeursinge, E. (2012). The development of family alliance from pregnancy to toddlerhood and child outcomes at 5 years. *Family process*, *51*(4), 542-556. https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2012.01419.x

Feinberg, M. E. (2002). Coparenting and the transition to parenthood: A framework for prevention. *Clinical Child and Family Psychology Review, 5*(3), 173–195. https://doi.org/10.1023/A:1019695015110

Feinberg, M. E. (2003). The internal structure and ecological context of coparenting: A framework for research and intervention. *Parenting: Science and Practice, 3*(2), 95–131. https://doi.org/10.1207/S15327922PAR0302_01

Feinberg, M. E., Brown, L. D., & Kan, M. L. (2012). A multi-domain self-report measure of coparenting. *Parenting: Science and Practice, 12*(1), 1–21. https://doi.org/10.1080/15295192.2012.638870

Feinberg, M. E., Kan, M. L., & Hetherington, E. M. (2007). The longitudinal influence of coparenting conflict on parental negativity and adolescent maladjustment. *Journal of Marriage and Family, 69*(3), 687–702. https://doi.org/10.1111/j.1741-3737.2007.00400.x

Figueiredo, B. (2005). Psicopatologia da maternidade e paternidade. In *Estudos e Ensaios em Homenagem a Eurico Figueiredo* (pp. 83–102).

Figueiredo, B. (2013). *Mães e pais: Envolvimento emocional com o bebé*. Psiquilíbrios.

Figueiredo, B., & Costa, R. (2009). Mother's stress, mood and emotional involvement with the infant: 3 months before and 3 months after childbirth. *Archives of Women's Mental Health, 12*(3), 143–153. https://doi.org/10.1007/s00737-009-0059-4

Figueiredo, B., & Lamela, D. (2014). Parentalidade e coparentalidade: Conceitos básicos e programas de intervenção. In *CUP Book: Contributos para a intervenção em Psicologia* (pp. 23–44). Universidade Católica Portuguesa.

Figueiredo, B., Costa, R., Pacheco, A., & Pais, A. (2007). Mother-to-infant and father-to-infant initial emotional involvement. *Early Child Development and Care, 177*(5), 521–532. https://doi.org/10.1080/03004430600577562

Figueiredo, B., Costa, R., Pacheco, A., & Pais, A. (2009). Mother-to-infant emotional involvement at birth. *Maternal and Child Health Journal, 13*, 539–549. https://doi.org/10.1007/s10995-008-0312-x

Figueiredo, B., Marques, A., Costa, R. A., Pacheco, A. P., & Pais, A. (2005). *Bonding: Escala para avaliar o desenvolvimento emocional dos pais com o bebé*. Universidade do Minho. https://hdl.handle.net/1822/4717

Fleming, A. S., Ruble, D., Krieger, H., & Wong, P. Y. (1997). Hormonal and experiential correlates of maternal responsiveness during pregnancy and the puerperium in human mothers. *Hormones and Behavior, 31*(2), 145–158. https://doi.org/10.1006/hbeh.1997.1376

Goodman, J. H. (2005). Becoming an involved father of an infant. *Journal of Obstetric, Gynecologic, & Neonatal Nursing, 34*(2), 190–200. https://doi.org/10.1177/0884217505274581

Habib, C., & Lancaster, S. (2010). Changes in identity and paternal–foetal attachment across a first pregnancy. *Journal of Reproductive and Infant Psychology, 28*(2), 128–142. https://doi.org/10.1080/02646830903298723

Heidrich, S. M., & Cranley, M. S. (1989). Effect of fetal movement, ultrasound scans, and amniocentesis on maternal-fetal attachment. *Nursing Research, 38*(2), 81–84. https://psycnet.apa.org/doi/10.1097/00006199-198903000-00008

Huizink, A. C., Mulder, E. J., de Medina, P. G. R., Visser, G. H., & Buitelaar, J. K. (2004). Is pregnancy anxiety a distinctive syndrome? *Early Human Development, 79*(2), 81–91. https://doi.org/10.1016/j.earlhumdev.2004.04.014

Jamison, T. B., Coleman, M., Ganong, L. H., & Feistman, R. E. (2014). Transitioning to postdivorce family life: A grounded theory investigation of resilience in coparenting: Postdivorce coparenting. *Family Relations, 63*(3), 411–423. https://doi.org/10.1111/fare.12074

Karreman, A., van Tuijl, C., van Aken, M. A., & Deković, M. (2008). Parenting, coparenting, and effortful control in preschoolers. *Journal of Family Psychology, 22*(1), 30–41. https://doi.org/10.1037/0893-3200.22.1.30

Kaźmierczak, M., & Karasiewicz, K. (2019). Making space for a new role – Gender differences in identity changes in couples transitioning to parenthood. *Journal of Gender Studies, 28*(3), 271–287. https://doi.org/10.1080/09589236.2018.1441015

Kinsey, C. B., & Hupcey, J. E. (2013). State of the science of maternal–infant bonding: A principle-based concept analysis. *Midwifery, 29*(12), 1314–1320. https://doi.org/10.1016/j.midw.2012.12.019

Klaus, M. H., & Kennell, J. H. (1982). *Parent-infant bonding* (2.ª ed.). Mosby.

Klaus, M., & Kennell, J. (1976). *Maternal-infant bonding: The impact of early separation or loss on family development*. Mosby Company.

Kotila, L. E., Schoppe-Sullivan, S. J., & Kamp Dush, C. M. (2013). Time in parenting activities in dual-earner families at the transition to parenthood. *Family Relations, 62*(5), 795–807. https://doi.org/10.1111/fare.12037

Kowlessar, O., Fox, J. R., & Wittkowski, A. (2015). First-time fathers' experiences of parenting during the first year. *Journal of Reproductive and Infant Psychology, 33*(1), 4–14. https://doi.org/10.1080/02646838.2014.971404

Kuersten-Hogan, R. (2017). Bridging the gap across the transition to coparenthood: Triadic interactions and coparenting representations from pregnancy through 12 months postpartum. *Frontiers in Psychology, 8*, 218536. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2017.00475

Lagarto, A., & Duaso, M. J. (2022). Fathers' experiences of fetal attachment: A qualitative study. *Infant Mental Health Journal, 43*(2), 328–339. https://doi.org/10.1002/imhj.21965

Laxman, D. J., Jessee, A., Mangelsdorf, S. C., Rossmiller-Giesing, W., Brown, G. L., & Schoppe-Sullivan, S. J. (2013). Stability and antecedents of coparenting quality: The role of parent personality and child temperament. *Infant Behavior and Development, 36*(2), 210–222. https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2013.01.001

Lee, J. K., Feinberg, M. E., & Wells, M. B. (2020). The Swedish brief coparenting relationship scale: Psychometrics and concurrent validity among primiparous and multiparous fathers. *Family Relations, 70*(3), 823–839. https://doi.org/10.1111/fare.12503

Lindroos, E., Räikkönen, E., Malinen, K., & Rönkä, A. K. (2023). Prenatal version of the Coparenting Relationship Scale among Finnish couples expecting their firstborn. *Journal of Child and Family Studies, 32*(10), 2944–2960. https://doi.org/10.1007/s10826-023-02659-0

Madhavanprabhakaran, G. K., D'Souza, M. S., & Nairy, K. S. (2015). Prevalence of pregnancy anxiety and associated factors. *International Journal of Africa Nursing Sciences, 3*, 1–7. https://doi.org/10.1016/j.ijans.2015.06.002

Matulaitė-Horwood, A., & Bieliauskaitė, R. (2005). The subjective content of psychological anxiety in the last month of pregnancy. *Acta Medica Lituanica, 12*(2), 38–42.

McHale, J. P., & Fivaz-Depeursinge, E. (1999). Understanding triadic and family group interactions during infancy and toddlerhood. *Clinical Child and Family Psychology Review, 2*(2), 107–127. https://doi.org/10.1023/A:1021847714749

McHale, J. P., & Rasmussen, J. L. (1998). Coparental and family group-level dynamics during infancy: Early family precursors of child and family functioning during preschool. *Development and Psychopathology, 10*(1), 39–59. https://doi.org/10.1017/S0954579498001527

McHale, J. P., & Rotman, T. (2007). Is seeing believing?: Expectant parents' outlooks on coparenting and later coparenting solidarity. *Infant Behavior and Development, 30*(1), 63–81. https://doi.org/10.1016/j.infbeh.2006.11.007

McHale, J. P., Kazali, C., Rotman, T., Talbot, J., Carleton, M., & Lieberson, R. (2004). The transition to coparenthood: Parents' prebirth expectations and early coparental adjustment at 3 months postpartum. *Development and Psychopathology, 16*(3), 711–733. https://doi.org/10.1017/S0954579404004742

Morrill, M. I., Hines, D. A., Mahmood, S., & Cordova, J. V. (2010). Pathways between marriage and parenting for wives and husbands: The role of coparenting. *Family Process, 49*(1), 59–73. https://doi.org/10.1111/j.1545-5300.2010.01308.x

Pérez Cortés, F., León, M. J., & Philipp, D. (2024). Development of coparenting during the transition to parenthood: Integrating parents' representations with observed interactions. *Infant Mental Health Journal*, *45*(5), 483-496. https://doi.org/10.1002/imhj.22133

Perry, A., Rollins, A., Grooms, W., & Sabree, R. (2017). Mothers' and fathers' report of coparenting relationship quality, attitudes toward father involvement, and paternal prioritized roles. *Urban Social Work, 1*(2), 165–182. https://doi.org/10.1891/2474-8684.1.2.165

Pilkington, P., Rominov, H., Brown, H. K., & Dennis, C. L. (2019). Systematic review of the impact of coparenting interventions on paternal coparenting behaviour. *Journal of Advanced Nursing, 75*(1), 17–29. https://doi.org/10.1111/jan.13815

Pinto, T. M., Figueiredo, B., & Feinberg, M. E. (2019). The Coparenting Relationship Scale—Father's Prenatal Version. *Journal of Adult Development, 26*, 201–208. https://doi.org/10.1007/s10804-018-9308-y

Premberg, Å., Hellström, A. L., & Berg, M. (2008). Experiences of the first year as father. *Scandinavian Journal of Caring Sciences, 22*(1), 56–63. https://doi.org/10.1111/j.1471-6712.2007.00584.x

Psouni, E. (2019). The influence of attachment representations and coparents' scripted knowledge of attachment on fathers' caregiving representations. *Attachment & Human Development, 21*, 485–509. https://doi.org/10.1080/14616734.2019.1582598

Radoš, S. N., Hairston, I., & Handelzalts, J. E. (2024). The concept analysis of parent-infant bonding during pregnancy and infancy: A systematic review and meta-synthesis. *Journal of Reproductive and Infant Psychology, 42*(2), 142–165. https://doi.org/10.1080/02646838.2022.2162487

Ranta, M., Böök, M. L., Paloniemi, S., & Rönkä, A. (2023). "Equally, but in our own way": First-time parents' prenatal expectations of coparenting. *Journal of Family Studies, 29*(3), 1061–1081. https://doi.org/10.1080/13229400.2021.2023609

Samorinha, C., Figueiredo, B., & Matos, J. M. (2009). Vinculação pré-natal e ansiedade em mães e pais: Impacto da ecografia do 1º trimestre de gestação. *Psicologia: Saúde & Doenças, 10*(1), 15–28. https://hdl.handle.net/1822/41648

Schaber, R., Kopp, M., Zähringer, A., Mack, J. T., Kress, V., & Garthus-Niegel, S. (2021). Paternal leave and father-infant bonding: findings from the population-based cohort study DREAM. *Frontiers in Psychology*, *12*, 668028. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.668028

Schoppe-Sullivan, S. J., & Altenburger, L. E. (2019). Parental gatekeeping. In *Handbook of parenting* (pp. 167-198). Routledge.

Schoppe-Sullivan, S. J., & Mangelsdorf, S. C. (2013). Parent characteristics and early coparenting behavior at the transition to parenthood. *Social Development, 22*(2), 363–383. https://doi.org/10.1111/sode.12014

Schoppe-Sullivan, S. J., Altenburger, L. E., Lee, M. A., Bower, D. J., & Kamp Dush, C. M. (2015). Who are the gatekeepers? Predictors of maternal gatekeeping. *Parenting, 15*(3), 166–186. https://doi.org/10.1080/15295192.2015.1053321

Schoppe-Sullivan, S. J., Brown, G. L., Cannon, E. A., Mangelsdorf, S. C., & Sokolowski, M. S. (2008). Maternal gatekeeping, coparenting quality, and fathering behavior in families with infants. *Journal of Family Psychology, 22*(3), 389. https://psycnet.apa.org/doi/10.1037/0893-3200.22.3.389

Schoppe-Sullivan, S. J., Mangelsdorf, S. C., Frosch, C. A., & McHale, J. L. (2004). Associations between coparenting and marital behavior from infancy to the preschool years. *Journal of Family Psychology, 18*(1), 194. https://doi.org/10.1037/0893-3200.18.1.194

Schoppe-Sullivan, S. J., Nuttall, A. K., & Berrigan, M. N. (2022). Couple, parent, and infant characteristics and perceptions of conflictual coparenting over the transition to parenthood. *Journal of Social and Personal Relationships, 39*(4), 908–930. https://doi.org/10.1177/02654075211048954

Schoppe-Sullivan, S. J., Weldon, A. H., Cook, J. C., Davis, E. F., & Buckley, C. K. (2009). Coparenting behavior moderates longitudinal relations between effortful control and preschool children's externalizing behavior. *Journal of Child Psychology and Psychiatry, 50*(6), 698–706. https://doi.org/10.1111/j.1469-7610.2008.02009.x

Scism, A. R., & Cobb, R. L. (2017). Integrative review of factors and interventions that influence early father–infant bonding. *Journal of Obstetric, Gynecologic & Neonatal Nursing, 46*(2), 163–170. https://doi.org/10.1016/j.jogn.2016.09.004

Stright, A., & Neitzel, C. (2003). Beyond parenting: Coparenting and children's classroom adjustment. *International Journal of Behavioral Development, 27*(1), 31–40. https://doi.org/10.1080/01650250143000580

Szaniecki, E., & Barnes, J. (2016). Measurement issues: Measures of infant mental health. *Child and Adolescent Mental Health, 21*(1), 64–74. https://doi.org/10.1111/camh.12105

Takeishi, Y., Nakamura, Y., Yoshida, M., Kawajiri, M., Atogami, F., & Yoshizawa, T. (2021). Associations between coparenting relationships and maternal depressive symptoms and negative bonding to infant. *Healthcare, 9*(4), 375. https://doi.org/10.3390/healthcare9040375

Taylor, A., Atkins, R., Kumar, R., Adams, D., & Glover, V. (2005). A new Mother-to-Infant Bonding Scale: Links with early maternal mood. *Archives of Women's Mental Health, 8*, 45–51. https://doi.org/10.1007/s00737-005-0074-z

Teixeira, C., Figueiredo, B., Conde, A., Pacheco, A., & Costa, R. (2009). Anxiety and depression during pregnancy in women and men. *Journal of Affective Disorders, 119*(1–3), 142–148. https://doi.org/10.1016/j.jad.2009.03.005

Teubert, D., & Pinquart, M. (2010). The association between coparenting and child adjustment: A meta-analysis. *Parenting: Science and Practice, 10*(4), 286–307. https://doi.org/10.1080/15295192.2010.492040

Tichelman, E., Westerneng, M., Witteveen, A. B., van Baar, A. L., van der Horst, H. E., de Jonge, A., Berger, M. Y., Schellevis, F. G., Burger, H., & Peters, L. L. (2019). Correlates of prenatal and postnatal mother-to-infant bonding quality: A systematic review. *PLOS ONE, 14*(9), e0222998. https://doi.org/10.1371/journal.pone.0222998

Trombetta, T., Giordano, M., Santoniccolo, F., Vismara, L., Della Vedova, A. M., & Rollè, L. (2021). Pre-natal attachment and parent-to-infant attachment: A systematic review. *Frontiers in Psychology, 12*, 620942. https://doi.org/10.3389/fpsyg.2021.620942

van Bussel, J. C. H., Spitz, B., & Demyttenaere, K. (2010). Reliability and validity of the Dutch version of the maternal antenatal attachment scale. *Archives of Women's Mental Health, 13*, 267–277. https://doi.org/10.1007/s00737-009-0127-9

Van Egeren, L. A. (2004). The development of the coparenting relationship over the transition to parenthood. *Infant Mental Health Journal, 25*(5), 453–477. https://doi.org/10.1002/imhj.20019

Van Egeren, L. A., & Hawkins, D. P. (2004). Coming to terms with coparenting: Implications of definition and measurement. *Journal of Adult Development, 11*, 165–178. https://doi.org/10.1023/B:JADE.0000035625.74672.0b

Wells, M. B., & Jeon, L. (2023). Paternal postpartum depression, coparenting, and father-infant bonding: Testing two mediated models using structural equation modeling. *Journal of Affective Disorders, 325*, 437–443. https://doi.org/10.1016/j.jad.2022.12.163

Widarsson, M., Engström, G., Tydén, T., Lundberg, P., & Hammar, L. M. (2015). 'Paddling upstream': Fathers' involvement during pregnancy as described by expectant fathers and mothers. *Journal of Clinical Nursing, 24*(7–8), 1059–1068. https://doi.org/10.1111/jocn.12784

Yu, C. Y., Hung, C. H., Chan, T. F., Yeh, C. H., & Lai, C. Y. (2012). Prenatal predictors for father–infant attachment after childbirth. *Journal of Clinical Nursing, 21*(11–12), 1577–1583. https://doi.org/10.1111/j.1365-2702.2011.04003.x